

Dos irmãos Lumière a Pathé e Gaumont

Maikon Augusto Delgado¹

Se é preciso qualquer trabalho escrito, deve-se esperar que tudo o que tenha sido escrito possa ser justificado; nesse caso esta resenha também deveria sê-lo. Relevando-se isso, os únicos problemas aqui seriam o como e o porquê. Contudo, muitos crêem (o contrário) que o assunto de que trata esse texto não precisa de nenhuma justificativa. Não que ele se baste a si mesmo, dizê-lo seria querer receber uma refutação imediata, mas o próprio passar do tempo já o tornou realizável. O que se pretende abordar aqui não é nada mais nada menos que o próprio cinema francês. Fá-lo-ei em resposta ao pedido, feito por um amigo, de que eu escrevesse algo sobre alguma coisa que estivesse lendo. Questionei-me então: “o que é que eu estou lendo que, por ter me arrebatado, poderia ser comentado para gerar o mesmo fim, em outro leitor? A resposta que me dei foi esse livro, um achado. Não creio que haja muitos deles espalhados por aí. Acho, além disso, que os que vierem a lê-lo terão em suas mãos uma coletânea de ensaios sobre o cinema que é fruto de um trabalho muito bonito editado pela Cinemateca Brasileira e que deveria, ao menos, ser contemplado como um esforço nobre por parte de todos aqueles que a escreveram. O que farei aqui não é muito mais que comentar um pouco os quatro primeiros artigos desta obra que contém cerca de 28 textos. Espero fazê-lo de forma a vir agradar aquele que porventura se interessar por ele.

História do Cinema Francês (1895-1959) é composto por uma série de artigos de autores brasileiros e de um ou dois autores franceses, todos escritos em português e cronologicamente relacionados, a fim de contar um pouco do que poderia ser a “história linear” do cinema francês.

Como não poderia ser de se esperar, ele começa com um ensaio sobre a família Lumière, sobretudo os irmãos Lumière. Já é de praxe lermos por aí que foram eles

¹ Graduação – Filosofia/UFPR

os primeiros a fazer cinema. No entanto, por que são tidos como os responsáveis pela criação do Cinema? O que levou a maioria dos teóricos da sétima arte a afirmarem que foram estes os dois que a criaram, sendo que havia muitos outros “fotógrafos” pesquisando a melhor maneira de conseguir transmitir o movimento de um objeto para a película? Na verdade, alguns anos antes dos Lumière, Janssen, Muybridge e Marey já o haviam feito. Não obstante, a resposta é bem clara, apesar de parecer um tanto quanto arbitrária: em 28 de dezembro de 1895, em Paris, acontece a primeira apresentação pública de *L'arrivée du train*, organizada pelos irmãos Lumière, contendo alguns dos elementos pelos quais se pode chamar o cinema de cinema. Ou seja, foi esse o primeiro momento onde pudemos relacionar o filme e o público, produzindo esse fenômeno artístico como o conhecemos atualmente.

O ponto importante de *Os irmãos Lumière*, de Rudá Andrade, é sua tentativa de mostrar a importância que tiveram para o desenvolvimento do cinema em geral, sobretudo o francês. Em contrapartida, parece ser claro para muitos dos críticos de cinema de que o fundamental de toda a obra dos Lumière foi sua pesquisa em prol do desenvolvimento técnico-fotográfico do cinema, o que é um pouco contestado pelo autor.

O segundo artigo dessa coletânea, de autoria de Sérgio Lima, um pouco em concordância com o anterior, aborda justamente o cinematografista francês Georges Méliès. Lima pretende demonstrar, em oposição ao papel dos irmãos Lumière, de forma a não querer menosprezá-los, a preocupação que Méliès teve não só com a pesquisa técnico-cinematográfica mas também com o fato de explorar outras possibilidades que o cinema parecia lhe oferecer. Méliès conseguiu enxergar o “cinema contador de histórias”, e não somente aquele “cinema testemunha fiel de um acontecimento”. Imagine-se, por conta disto, o salto qualitativo que o cinema não deu, e o número de portas que não foram abertas a todos os outros cinematografistas posteriores a ele. Nesse ensaio, intitulado *Georges Méliès*, fica bem clara a maneira pela qual o francês introduziu o absurdo e o fantástico na

cinematografia. Seus filmes todos contavam histórias maravilhosas e muitas vezes absurdas, permeadas de um maniqueísmo bem detectado por Lima, que poderiam muito bem ser inseridas em um contexto um pouco mais amplo, como por exemplo o da transição do final do século XIX e começo do XX. Creio eu que não seria incorrer em um erro pensar em Jules Verne quando se assiste uma obra de Georges Méliès.

O texto que se segue a esse trata de um dos homens mais interessantes da história do cinema francês. Trata-se de um desenhista e cinematografista chamado Émile Cohl, alguém muito importante e pouco conhecido. Ele foi o primeiro, ou melhor, foi ele o criador do desenho animado na França. Suas criações mais célebres foram *Fantasmagorie*, *Le cauchemar du Fantoche*, *Histoire des Chapeaux* e *Les légumes vivants*. Émile Cohl também inventou, segundo Sérgio Lima, autor desse terceiro texto intitulado *Émile Cohl, o handicap* – uma técnica que consiste em gravar uma cena após a outra interrompendo-as a cada segundo, a fim de que elas, quando colocadas em movimento pelo cinematógrafo, possa produzir um efeito semelhante àquele de um filme contínuo. Esta técnica é geralmente usada na feitura de filmes de bonecos modeláveis

O quarto ensaio comenta um pouco a trajetória de duas grandes distribuidoras de filmes na França, a Pathé e a Gaumont. Vários cinematografistas famosos trabalharam em pelo menos uma delas, ou até em ambas, inclusive Émile Cohl, e a importância delas é vital para todo o desenrolar da história do cinema francês. Todo o *film d'art* foi rodado nos seus estúdios, cujo período poderia ser fixado do início do século XX até meados da década de 20. Na época em que os *nickelodeons*, que obtiveram um enorme sucesso devido ao caráter de suas produções populares, eram produzidos alucinadamente nos Estados Unidos, a Pathé e a Gaumont criavam as suas bases no mercado cinematográfico francês. Homens como Capellani, Zecca, Lépine, Boireau e Feuillade, que é o criador do seriado *Fantômas*, realizaram boa parte de seus filmes, senão a maioria, nos seus domínios.

Para aqueles amantes do cinema em geral, ou simplesmente para aqueles curiosos que um dia tiverem a vontade de ler algo sobre o cinema francês, *História do Cinema Francês (1895-1959)* é um bom começo. Esta obra contém um pequeno apêndice de fotos e uma lista bem detalhada da produção cinematográfica na França, desde 1895 até o final da década de 60, podendo se encontrar textos referentes desde aos irmãos Lumière e Méliès até a *Nouvelle Vague*, por exemplo.

História do Cinema Francês (1895-1959); Cinemateca Brasileira; s.d.; s. ed.